



Pensando a práxis etnográfica do Trabalho em Práticas Musicais: pesquisas individuais em andamento no LaboraMUS

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: ST-8 O trabalho no campo da música no Brasil

Álvaro Neder

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO
alvaro.neder@unirio.br

Elizabeth Mendonça Dau

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO
bethdau@gmail.com

Gabriel Ribeiro Veras

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO
gabrielveras@edu.unirio.br

Karin Peres Verthein

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO
[*karinverthein@gmail.com*](mailto:karinverthein@gmail.com)

Leandro Montovani da Rosa

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO
[*leomontovani@edu.unirio.br*](mailto:leomontovani@edu.unirio.br)

Tássio da Rosa Ramos

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO
tassioramos@edu.unirio.br

Resumo

O método etnográfico, desenvolvido pela Antropologia no início do século XX, atravessou reformulações ao longo de sua história, e foi adotado por diferentes disciplinas (entre elas, a Etnomusicologia). Nesta comunicação, serão feitas algumas considerações sobre a maneira como vimos utilizando-o no LaboraMUS – Observatório do Trabalho em Práticas Musicais do PPGM/UNIRIO, a partir de pesquisas anteriores do coordenador do grupo, enfatizando a práxis e as relações dialéticas entre materialidade e cultura. A seguir, cada membro do LaboraMUS apresentará sua pesquisa individual em andamento.

Palavras-chave. Etnografia, Etnomusicologia, método materialista histórico-dialético, Pesquisa-ação participante

Abstract

The ethnographic method, developed within the discipline of Anthropology in the early XXth Century, has been continually reformulated throughout its history, and



was adopted by different disciplines, among them, Ethnomusicology. In this paper, we first present some considerations as to how we have been employing this methodology at LaboraMUS – Observatory of Labor in Musical Practices/ PPGM/ UNIRIO, based on the group coordinator’s previous research, emphasizing praxis and the dialectical relationships between materiality and culture. Following that, each member of LaboraMUS will present his/her own ongoing individual research. **Keywords.** Ethnography, Ethnomusicology, dialectical-historical materialist method, Participant action-research

Introdução

Álvaro Neder

Gabriel Ribeiro Veras

Leandro Montovani da Rosa

O método etnográfico, no sentido antropológico, é a descrição, interpretação e escrita de um “modo de vida”, ou “cultura”. Tipicamente, envolve contato prolongado com um grupo social por meio de trabalho de campo, com a participação do pesquisador nas atividades cotidianas do grupo (“observação participante”). Permite, e, de maneira crescente, estimula a colaboração entre o pesquisador e o grupo (abdicando, portanto, de uma postura supostamente “neutra”). Modalidades como a pesquisa participante e pesquisa-ação (ver, por exemplo, NEDER et al, 2013, 2014a, 2014b, 2015, 2016, 2021, e NEDER, 2019), inclusive, objetivam colocar os saberes acadêmicos à disposição de demandas e necessidades do grupo com o qual passamos, então, a pesquisar colaborativamente.

A pesquisa-ação e a pesquisa participante têm uma tradição latino-americana, anticolonial e anti-imperialista que se desenvolveu a partir das obras altamente influentes de Paulo Freire e Orlando Fals Borda (BRANDÃO, 2006, p. 21). Neste tipo de pesquisa, os sujeitos deixam de ser “objetos” e assumem uma postura ativa, crítica e direcionada para a autonomia, estando ligado historicamente às lutas políticas dos movimentos sociais dos povos originários, operários e populares, a partir da década de 1970 (ver, por exemplo, ARAÚJO et al, 2006 e 2010; SEEGER, 2008).

Assim,

[...] o que se busca com as modalidades de pesquisa participante é a atividade autônoma das comunidades em todas as fases da pesquisa, do diagnóstico do problema a ser resolvido ao estabelecimento de objetivos e procedimentos, e chegando a achados de interesse para aquelas comunidades, numa colaboração direta e horizontal com pesquisadores acadêmicos. (NEDER, 2019, p. 214, tradução do autor).

Inerente à metodologia participante é o aspecto *transformador* da realidade. Busca-se, em vez de uma pesquisa teórica tradicional, uma atividade que resulte em benefícios concretos para a comunidade implicada – sem nunca abrir mão da reflexão teórica e de seu avanço. Um exemplo prático é a pesquisa que o LaboraMUS realizou, durante a pandemia de COVID-19, objetivando investigar o impacto desta catástrofe nas vidas profissionais dos músicos (NEDER et al., 2021). Tal pesquisa partiu das demandas dos músicos, buscando uma compreensão mais aprofundada de sua realidade, e lhes permite apresentar dados concretos em sua luta por melhores remunerações e condições de trabalho junto a seus empregadores.

No LaboraMUS, entendemos que a teoria e a prática não devem ser dissociadas metafisicamente como unidades estanques; ao contrário, devem estar implicadas em uma relação dialética – a práxis. Devido a isso, o método etnográfico se apresenta como um caminho privilegiado para estarmos em contato direto, intensivo e continuado com os atores sociais a quem dedicamos nossos esforços – os sujeitos da classe trabalhadora. Aprendendo, na convivência concreta com elas e eles, suas ações, visões de mundo, vicissitudes, esperanças, conflitos, ilusões, entendemos que podemos produzir uma teoria com os pés no chão.

Mas, não apenas. Munidos de uma teoria em incessante reconstrução — dado que é a reprodução ideal do movimento real — um método etnográfico na modalidade participante permite que “a teoria se expanda para o caminho da práxis”:

Nós só podemos interferir nesse movimento do real não com a teoria, mas com ação prática, com ação política, e isso pressupõe muito mais do que instrumentos teóricos. Isso depende dos instrumentos organizativos, isso depende da ação política, isso depende que a teoria se expanda para o caminho da práxis [...] (IASI, 2019, p. 32).

Neste sentido, entendemos que nos mantemos fiéis ao legado de Marx e Engels. Nunca teóricos de gabinete, sua teoria foi concebida a partir da intensa participação cotidiana de ambos na vida concreta dos sujeitos ativos de sua pesquisa, o operariado. Esta participação ativa junto aos atores sociais implicados, fazendo as vezes de pesquisa qualitativa, intensiva, foi essencial para a elaboração, reelaboração contínua, relevância renovada e potência heurística e transformadora de sua teoria (nunca dissociada de sua prática). Entendemos, portanto, que mesmo não tendo feito nenhuma reivindicação quanto ao método etnográfico (que, como apontado, surgiu apenas após a morte de ambos), o trabalho de Marx e Engels está plenamente coerente com a orientação geral que veio a ser preconizada por aquele, e, como tal, será visto como uma referência essencial para o modelo de etnografia que desejamos desenvolver.

Assim, temos consenso sobre a necessidade de estudar a cultura como estando, desde sempre, implicada, de maneira determinante e dialética, nos processos produtivos e nas relações sociais que impõem a partilha dos recursos gerados pelos grupos humanos. Neste sentido, vimos dedicando especial atenção às iniciativas que buscaram entender o método etnográfico sob essa óptica. No entanto, estamos cientes das enormes dificuldades que se apresentam neste sentido.

Não dispomos, aqui, do espaço necessário para uma revisão apropriada da complexa e rica história da Antropologia Cultural, em cujo âmbito o método etnográfico foi desenvolvido. Mesmo assim, é sabido que, em seu âmbito, terminou-se por privilegiar o estudo da cultura entendida como instância autônoma com respeito às relações materiais de produção. Esta dificuldade necessita ser abordada para que se possa, em outra oportunidade, debater, mais propriamente, uma proposta etnográfica materialista. Portanto, no espaço que nos resta nesta Introdução, limitar-nos-emos a situar as raízes no método etnográfico no idealismo alemão e sugerir, ainda que de maneira bastante superficial, de que maneira a abordagem materialista proposta por Morgan entusiasmou Marx e Engels e influenciou antropólogos a partir do século XX.

Geralmente reconhecido como o fundador da Antropologia Cultural nos Estados Unidos e altamente influente para sucessivas gerações de antropólogos inscritos nesse campo, Franz Boas lançou as bases da abordagem que terminou reconhecida como *culturalista*. O culturalismo de Boas deriva das matrizes teóricas que presidiram sua formação: toda uma linhagem idealista alemã que se produz desde a criação do conceito de *Kultur*, no século XVIII (Herder, Mannheim, Kant, Simmel, Weber). Devido a este idealismo, a relação da escola boasiana com o funcionalismo é contraditória. Para Malinowski, já que o pensamento de um povo “é determinado pelas necessidades mais simples da vida – encontrar subsistências, satisfazer as pulsões sexuais e assim por diante –, [ao se conhecer tais necessidades] então está-se apto a explicar as suas instituições sociais, as suas crenças, a sua mitologia e todo o resto” (LÉVI-STRAUSS apud BARBOSA, 2016, p. 85). De acordo com Raoni Barbosa (2016, p. 84), os idealistas Virchow e Bastian “se apresentam como os primeiros mestres e formadores de Boas no estudo científico do homem enquanto fenômeno cultural e social”. Para estes autores, “por sua vez, o fenômeno da cultura emergia do funcionamento universal da mente, de modo de que as necessidades básicas humanas eram relegadas a um segundo plano de prioridades analíticas” (BARBOSA, 2016, p. 86).

Em seu texto da maturidade *Alguns problemas de metodologia nas ciências sociais*, de 1930 (BOAS, 2005), Boas procura identificar a especificidade da cultura. Para isso, apresenta e rejeita diferentes determinismos, que, à época, eram geralmente considerados

causas mecanicamente originadoras das culturas de povos específicos: racial, geográfico e, mais especialmente para nossos propósitos, econômico:

Não muito diferentes são os esforços para interpretar o desenvolvimento da cultura humana em termos econômicos. As antigas tentativas de Morgan em associar organização social e condições econômicas provaram ser falaciosas [...]. (BOAS, 2005, p. 62).

Esta crítica – se fosse verdadeira – significaria um duro golpe ao desenvolvimento de uma etnografia materialista. Afinal, Morgan foi citado com entusiasmo por Marx, e Engels baseou-se em seus trabalhos para escrever o seu *A origem da família, propriedade privada e do Estado* (1884). Na verdade, Boas se engana, ao perceber na metodologia de Morgan – que efetivamente praticou trabalho de campo entre os povos originários iroqueses a partir de 1844 – uma limitação determinística, quando, na verdade, Morgan pensava na relação entre materialidade e cultura de forma muito mais sofisticada. Segundo a antropóloga marxista Eleanor Leacock (LEACOCK, 2012, p. 232), “Era lugar comum na antropologia americana, seguindo o empirismo antievolucionista associado ao nome de Franz Boas, questionar a sequência de estágios de Morgan [...]”. No entanto, conforme ela explica, a noção de estágios é utilizada normalmente pelas ciências da natureza, sendo um passo necessário. O mesmo se aplicaria às ciências sociais: “Colocar uma sociedade numa posição central ou transicional em relação a um ou mais estágios é um passo preliminar necessário para a indagação, e não uma camisa de força que a limita” (LEACOCK, 2012, p. 234).

O interesse de Marx e Engels nas pesquisas de Morgan está centrado na relação entre o parentesco e a propriedade, seja do trabalho, seja da terra, animais e escravos. O parentesco surge como uma relação de produção, sendo que a produção é, também, reprodução. Na obra citada de Engels, realizada a partir de seus estudos sobre os textos de Morgan e de seus opositores, as relações de afinidade e matrimônio vão se constituindo em relação dialética com tais relações de propriedade. À medida em que a propriedade privada vai se estabelecendo sobre as antigas formas comunais de propriedade, as relações sexuais passam por diversas formas de poligamia/poliandria até se constituírem na relação monogâmica. Paralelamente, ocorre a passagem da matrilinearidade para a patrilinearidade (possibilitando ao homem, normalmente o detentor da nascente propriedade privada, ter certeza de sua paternidade sobre seus herdeiros). A família está relacionada à produção de maneira sobredeterminada e não mecânica, envolvendo a dominação sexual, coerções morais e religiosas. Também dialeticamente implicada nestas transformações em que a propriedade privada é o pivô está a passagem da gestão da vida das tribos em todas as suas esferas (organização do trabalho, aplicação de

penalidades, guerra, etc.) dos Conselhos constituídos pela vontade dos membros dessas mesmas tribos para uma instância heterônoma, o Estado – que surge quando já existem interesses inconciliáveis e antagonismos entre classes e estamentos, justamente para controlá-los.

A relação entre o parentesco e a propriedade desenvolvida por Morgan e retomada por Engels, ou o parentesco como uma relação de produção, seria, posteriormente, trilhada também por eminentes antropólogos, especialmente aqueles que se filiaram ao estruturalismo de Lévi-Strauss, a partir dos anos 1950. Da mesma maneira, outros antropólogos (p. ex. Leslie White, Marshal Sahlins, Maurice Godelier) retomaram a passagem de formas de propriedade comunais à propriedade privada capitalista, de formas de trabalho não-alienado para trabalho alienado, e de uma economia da dádiva para a de mercado (Marcel Mauss). “Daí o trabalho [inclusive do músico, N.A.] entrar como uma chave para o entendimento da condições iniciais dessa produção, e da reprodução (e, assim, das condições de produção e reprodução do mundo, das relações, e, por fim, das classes)” (LEIRNER, 2016, p. 75).

Currículo não-seriado na Educação Musical: experiências de construção curricular antirracista e coletiva no Campus Engenho Novo I do Colégio Pedro II

Elizabeth Mendonça Dau

Me lembro bem da sensação de frio no estômago nos dias de Prova Única, as chamadas PUs no Colégio Pedro II, instituição pública federal. O meu *campus*, situado em um bairro de classe média alta do Rio de Janeiro, geralmente tomado pelos sons das vozes e da movimentação das/dos estudantes, se transformava em um lugar silencioso e frio, como se um sopro de morte rondasse os longos corredores. Fiscalização, repressão e punição davam o tom da escola nesses dias.

Este breve relato representa uma das grandes motivações que deram origem à pesquisa que venho desenvolvendo no mestrado da Unirio, na linha Etnografia das Práticas Musicais, chamada “Currículo não-seriado na Educação Musical: experiências de construção curricular antirracista e coletiva no Campus Engenho Novo I”. Nela, busco, por meio da elaboração de uma etnografia junto à comunidade escolar, repensar as premissas de um programa curricular de educação musical que vem, desde sempre até os dias atuais, reproduzindo a visão eurocêntrica, conservatorial e hegemônica de música, excluindo e silenciando vozes historicamente oprimidas (MARQUES, 2011). A pesquisa pretende, portanto, propor transformações a partir de uma nova forma de pensar o documento curricular, que considere o

contexto de uma sociedade de classes e que tenha como eixo principal a busca de um currículo antirracista, utilizando como base esta etnografia, na modalidade de pesquisa-ação, sobre o trabalho de educação musical que vem sendo desenvolvido no *Campus* Engenho Novo I do Colégio Pedro II, do qual sou professora desde 2014.

Minha história com a instituição é longa: entrei nela como estudante aos 11 anos de idade. Quando retornei ao CPEI como professora efetiva de Educação Musical em 2014, quis saber qual era o universo musical das/dos estudantes. O que elas e eles ouviam e o que gostariam de tocar? Já tinham visto aqueles instrumentos antes? Tinham músicos na família? Pertenciam a algum terreiro ou a alguma escola de samba? Faziam aulas de música na igreja ou escolinha? No entanto, conhecia intimamente as dificuldades para que eu pudesse desenvolver o trabalho dessa forma mais coletiva e participativa, pois também tinha sido professora contratada da instituição durante dois anos. Assim, a percepção de tais dificuldades foi permitida pela atividade de trabalho com música, enquanto trabalhadora docente.

A etnografia, enquanto método, evoluiu historicamente de uma postura distanciada, baseada na noção de uma/um observadora/or neutra/o e invisível, para a noção de uma/um pesquisadora/or implicada/o ativamente no espaço social circunscrito pelo trabalho de campo (FALS-BORDA; RAHMAN, 1991). A partir desta modalidade de etnografia que coloca como seu objetivo a própria transformação da realidade social, ao longo desses oito anos como professora de educação musical do Engenho Novo I, tenho tido, junto a colegas e estudantes, a oportunidade de construir “nas brechas” uma forma diferente de lidar com a enorme quantidade de conteúdos obrigatórios. Essa alternativa existe no primeiro segmento pela possibilidade da não-seriação dos conteúdos, o que também foi resultado da observação etnográfica que venho realizando enquanto docente. No entanto, esta forma autônoma e coletiva de construção do documento curricular não é “oficial”; assim, o risco de perdê-la sempre existe. Esta etnografia, que se pretende transformadora, portanto, se insere como instrumento de luta para sua consolidação.

Considerando que música, educação, trabalho, opressões, relações de classe, estruturas de poder e instituições de ensino estão intrinsecamente relacionadas, acredito ser papel do músico-docente buscar formas de garantir que todas as vozes sejam incorporadas na elaboração dos planejamentos. E isso deve ocorrer no âmbito formal, e não somente nas brechas dos currículos oficiais ou nos “finais de semestre” (hooks, 2017, p. 55). Afinal, os documentos institucionais “representam as diretrizes que orientam os professores e, nesse sentido, ocupam um espaço de poder na estrutura burocrática escolar” (MASSENA, 2021, p. 44).

O ensino de música ou de qualquer outra disciplina não é neutro, tampouco são os conteúdos que constam dos programas institucionais. Partindo, portanto, desse princípio,

a educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação, [...] uma educação para a liberdade (FREIRE, 1967, p. 35-36).

Assim, o diálogo entre o trabalho com música como docente e a etnografia entendida como pesquisa-ação etnomusicológica formam a base desta proposta. Percebo que a aplicação do método etnográfico no campo da educação musical deve ter como horizonte o ato de repensar as premissas da construção dos documentos institucionais e assim transformá-las.

Construindo Pontes em Arcos: processos e interações de saberes das classes subalternas nas cordas friccionadas.

Karin Verthein

No dia 3 de setembro de 2020, Luiz Carlos da Costa Justino, músico negro integrante da Orquestra da Grota, de 24 anos, foi preso em Niterói/RJ, acusado de praticar um assalto à mão armada. Mesmo alegando que trabalhava tocando violoncelo numa padaria no dia do crime, e não tendo nenhuma passagem pela polícia, Luiz ficou cinco dias detido. A acusação partiu da vítima do assalto, após ver uma foto sua num “álbum de suspeitos” de uma delegacia. No dia 7 de setembro do mesmo ano, o juiz André Luiz Nicolitt revogou a prisão preventiva de Luiz com a seguinte justificativa:

[...] temos um jovem violoncelista, sem antecedentes, com amplos registros laborais, com formação em Música por anos, sendo dotado de sofisticados conhecimentos decorrentes de sua formação musical, como domínio sobre leitura de partituras, músicas eruditas e técnicas de solfejar [...] um suspeito sem investigação prévia, que já é apresentado em um álbum no ato do registro da ocorrência, é um suspeito que precede o próprio fato. É uma espécie de suspeito natural. (MOTTA, 2020).

A sentença de Nicolitt foi comemorada por parentes, amigos e colegas de trabalho de Luiz, que vinham se mobilizando para denunciar a situação. Apontaram também o racismo institucional da Polícia Militar do Rio de Janeiro, que constava da própria sentença.

Este relato etnográfico foi essencial para desenvolver meu problema e o objetivo da pesquisa. Por que uma sentença judicial com evidente conteúdo antirracista se apoiou em justificativa baseada numa noção eurocentrada de conhecimento musical? Essa e outras perguntas evidenciam a necessidade de se estabelecer uma relação dialética entre as práticas

musicais e as relações sociais. Nesse sentido, reconhecemos a potência dos estudos em música alimentados pela teoria antropológica (QURESHI, 2000, p. 180) e pelo método etnográfico.

O objetivo principal da pesquisa é construir participativamente propostas para que, na educação musical em geral e concretamente no contexto das cordas friccionadas, saberes, vivências e experiências de grupos sociais historicamente explorados e oprimidos sejam contemplados nas instituições de ensino (formais e informais), e no ambiente profissional da música. Nesse sentido, buscamos construir pontes para elaborar alternativas para o modelo hegemônico de ensino e performance das cordas friccionadas, nos unindo àqueles/as que produzem conhecimento atuando diretamente na realidade, para transformá-la.

As participantes da pesquisa são musicistas profissionais das cordas friccionadas que atuam na cidade do Rio de Janeiro e Niterói/ RJ atualmente. Formadas em projetos sociais de ensino de música sinfônica que atendiam ou atendem estudantes do Morro da Providência e da favela da Grota do Surucucu, integram os grupos “Orquestra de Rua” e “Nina's”. Ambos os trabalhos musicais são independentes, formados majoritariamente por mulheres e possuem reconhecida postura crítica e questionadora dos processos de exploração e opressão sociais. As participantes também são profissionais do ensino das cordas friccionadas.

Entendemos o método etnográfico na modalidade da pesquisa participativa como um caminho possível para romper silenciamentos históricos. Acreditamos que o envolvimento com a realidade concreta do campo atende à urgência de se produzir um conhecimento crítico e integrado em defesa dos interesses da classe trabalhadora. Nesse processo, pelo contato direto e prolongado com as participantes e o uso de técnicas dialogais, podemos aprender sobre suas experiências, saberes, demandas, sonhos, dilemas e visões de mundo enquanto profissionais da música. As decisões sobre as etapas da investigação ocorrem após consulta aos grupos estudados, levando em consideração suas prioridades e necessidades.

A pesquisa participativa modifica a estrutura acadêmica clássica na medida em que reduz as diferenças entre pesquisador/a e participante, “induzindo os eruditos a descer das torres de marfim e a se sujeitarem ao juízo das comunidades em que vivem e trabalham, em vez de fazerem avaliações de doutores e catedráticos” (FALS-BORDA, 1981, p. 17).

Acreditamos, portanto, que na pesquisa engajada,

É preciso aproximar-se das bases da sociedade não apenas com o objetivo de entender sua própria versão de sua ciência prática e expressão cultural, mas também para procurar formas de incorporá-las às necessidades coletivas mais gerais, sem ocasionar a perda de sua identidade e seu teor específico. (FALS-BORDA, 1981, p. 5)

A pesquisa busca contribuir ainda com a produção acadêmica que se propõe a articular classe, gênero e raça, área ainda em construção, “principalmente quando o foco é sobre ou a partir das perspectivas das mulheres” (LAGO, 2017, p. 4). Nesse sentido, o método materialista histórico-dialético nos ajuda a dialetizar o campo etnográfico e as relações sistemáticas de exploração e opressão no capitalismo.

A plataformização do trabalho do músico como foco de pesquisa etnográfica

Tássio Ramos

Há alguns anos eu soube por um amigo em comum que o V.C. – compositor carioca, em cujo primeiro disco eu gravei algumas faixas – havia se mudado para Portugal e estava envolvido com um projeto musical-empresarial inovador. Em síntese, o empreendimento visava diminuir os custos de produção musical fixando um pagamento mensal aos músicos, que trabalhariam remotamente a partir de seus *home-studios*, e, de outro lado, oferecendo planos de assinaturas aos interessados em contratá-los. Quem contratasse o serviço teria, conforme o plano assinado, um número determinado de sessões mensais de gravação a ser realizada com os músicos disponíveis, através de videoconferência. Nesta altura cogitei me candidatar a uma vaga, mas a necessidade de comunicação fluente em inglês me fez hesitar.

Em 2020, durante a pandemia de COVID-19, A.S., um colega de trabalho muito próximo me propôs que dividíssemos as funções e o pagamento oferecido normalmente a um músico, pela empresa em questão. Mesmo antes da pandemia, a evidente dificuldade financeira que muitos dos meus mais habilidosos colegas vinham apresentando, a estagnação dos cachês que amargava uma diminuição dramática da capacidade de compra nos últimos anos e a exigência crescente de uma atuação polivalente e permanente em redes sociais, produção executiva, produção musical, gravação desassistida e outras, além dos trabalhos mais comuns ao músico, se apresentavam para mim como indicativos de um futuro difícil. Contudo, as perspectivas de trabalho a curto prazo eram poucas e assim que recebi a proposta comecei a fazer as contas, planejar as adequações necessárias de horário e de estrutura técnica para as gravações. Foi o suficiente para desistirmos.

A despeito de certa frustração pelo trabalho perdido e de preocupações quanto ao futuro pós-pandemia, a situação descrita ajudou na convergência dos meus interesses de pesquisa com o tema do trabalho do músico. Mais especificamente, me pareceu relevante estudar os desafios contemporâneos ao trabalho, relacionados com a presença crescente de um aparato tecnológico que, em desacordo com a euforia inicial gerada em grande parte dos colegas

que previam ganhos de autonomia, apresentavam formas inéditas de controle e exploração do trabalho. No mesmo período em que eu buscava entender o significado destas transformações, termos como uberização, plataformização e gestão algorítmica do trabalho, entre outros tantos, emergiam na sociologia do trabalho e indicavam um possível caminho para uma pesquisa.

Em vias de me candidatar a uma vaga no PPGM da UNIRIO, a linha de etnografia das práticas musicais se me apresentava como o caminho mais indicado. O método etnográfico poderia oferecer, de uma só vez, dados objetivos sobre a dinâmica específica de trabalho de músicos nas plataformas digitais e informações sobre os aspectos subjetivos implicados nas relações de trabalho. O detalhamento das práticas poderia, por exemplo, alimentar um futuro estudo sociológico das relações de trabalho em uma de suas tipologias emergentes, indicando caminhos possíveis ao desenvolvimento das formas de trabalho (e de sua exploração) diante dos avanços tecnológicos popularizados nas últimas décadas. Além disso, a etnografia é instrumento privilegiado para observar como essas formas de trabalho, em conjunto com as condições sociais e as pressões ideológicas características desse momento, podem impactar na subjetividade desses músicos, suas identidades como artistas e trabalhadores, seu senso de pertencimento de classe, etc. Assumindo alguns dos preceitos da Pesquisa-Ação Participativa, a pesquisa poderia ainda compreender o reconhecimento ativo, por parte dos interlocutores, das suas necessidades específicas e o estabelecimento de ações direcionadas a atender essas necessidades. Submeti meu projeto tendo em vista realizar total ou parcialmente essas potencialidades.

Contudo, a pandemia colocava um obstáculo ao empreendimento etnográfico. Planejei driblar as limitações impostas pelo distanciamento social dedicando os períodos iniciais ao aprofundamento dos estudos de base junto ao grupo de estudos liderado pelo professor Álvaro, que vem trabalhando em uma aproximação entre a etnografia e os estudos sociológicos sobre trabalho com vistas à investigação sobre o trabalho do músico. O contato com os interlocutores tem sido feito a partir de reuniões por videoconferência, planejando proximamente acompanhar *in loco* o trabalho destes músicos. Enquanto me aproximo dos meus interlocutores, trabalhadores da música do século XXI com atuação em plataformas digitais de trabalho, nosso grupo de pesquisa avança aos poucos na pavimentação de uma abordagem que se pretende ativa não só na estrada teórica, mas também nas trilhas ainda mais obstaculizadas da prática social transformadora.

Conclusões

Nesta comunicação, fizemos algumas considerações sobre a maneira como vimos utilizando o método etnográfico no LaboraMUS. Movidos pela urgência em tornar nossas pesquisas mais relevantes e transformadoras das diferentes realidades sociais em que estamos implicados/as, priorizamos incorporar vozes silenciadas em nossas pesquisas, na forma de problemas, questões e objetivos. Via de regra, utilizamos ferramentas da pesquisa-ação e pesquisa participativa. Mesmo quando tais objetivos não estejam voltados diretamente para as condições de trabalho dos músicos, todas as pesquisas aqui apresentadas derivam da prática do trabalho do músico, o que inclui o trabalho docente. Assim, não apenas o conhecimento e as transformações efetivas a serem produzidos são possibilitados pelo trabalho do músico-pesquisador em todas as suas modalidades, como também tais resultados retroalimentam tais práticas de trabalho.

O trabalho em geral, e o trabalho do músico em particular, em todas as suas variantes, portanto, como foi dito, é a chave para entender e transformar a produção e a reprodução da vida social – do mundo, das relações, das classes – sob o modo de produção capitalista. É a partir desta chave, o trabalho, que a práxis etnográfica, fertilizada pela pesquisa-ação participante, pode incorporar a análise materialista, objetivando, não apenas *interpretar*, mas *transformar* o mundo (cf. Marx, Tese 11 das *Teses sobre Feuerbach*).

Referências

ARAÚJO, Samuel et al. Conflict and Violence as Conceptual Tools in Present-day Ethnomusicology; Notes from a Dialogical Experience in Rio de Janeiro. *Ethnomusicology* 50 (2): 287-313, 2006.

ARAÚJO, Samuel et al. Sound Praxis: Music, Politics, and Violence in Brazil. In: O'CONNELL, Morgan; EL-SHAWAN CASTELO BRANCO, John e Salwa (eds.). *Music and Conflict*. Urbana: University of Illinois, pp. 217-231, 2010.

BARBOSA, Raoni Borges. A proposta culturalista boasiana para a Antropologia. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 15, n. 44, agosto de 2016.

BOAS, Franz. Alguns problemas de metodologia nas ciências sociais. In: CASTRO, Celso (Org.). *Antropologia cultural*: Franz Boas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo (eds.), *Pesquisa participante: a partilha do saber*. 3ª edição. Aparecida, SP: Ideias e Letras, pp. 21-54, 2006.

FALS-BORDA, Orlando. *Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular*. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981. P. 42-62.

FALS-BORDA, Orlando; RAHMAN, Muhammad Anisur (Eds.). *Action and Knowledge: Breaking the Monopoly with Participatory Action-Research*. The Apex Press: New York, 1991.

FREIRE, Paulo. *A Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
hooks, bell. *Ensinando a Transgredir: Educação Como Prática da Liberdade*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

IASI, Mauro. O método: categorias fundantes no Século XXI. *Trabalho necessário*, v.17, nº 32, jan-abr (2019).

LAGO, Jorgete Maria Portal. *Mestras da cultura popular em Belém-PA: narrativas de vida, ativismos culturais e protagonismos musicais*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Música. Salvador, 2017.

LEACOCK, Eleanor Burke. “Introdução à Edição Estadunidense”. In: ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Expressão Popular, 3a Ed., 2012, p. 227-302.

LEIRNER, Piero C. Marx, Engels e a antropologia: notas sobre uma relação subliminar. *dois pontos:*, Curitiba, São Carlos, volume 13, número 1, p. 73-87, abril de 2016.

MARQUES, Eduardo Luedy. Discursos de professores de música: cultura e pedagogia em práticas de formação superior. *Revista da ABEM*, Londrina, v.19, n.26, 47-59, jul.dez 2011.

MASSENA, Eduardo Prestes. *Zançar entre currículos pensados/praticados: um mergulho nos cotidianos do Colégio Pedro II – Campus Realengo II (2014 - 2018)*. Orientador: Maria Luiza Süsssekind. 2021. 242 f. (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

MOTTA, Cláudia. *Justiça liberta Luiz Justino, jovem músico negro vítima de prisão arbitrária no Rio*. Brasil de Fato. 07 de Setembro de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/09/07/justica-liberta-luiz-justino-jovem-musico-negro-vitima-de-prisao-arbitraria-no-rio>. Acesso em: 26 jun 2022.

NEDER, Álvaro S. C. “*Enquanto este novo trem atravessa o Litoral Central*”: Platinidad, poéticas do deslocamento e (des)construção identitária na canção popular urbana de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. 2011. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

NEDER, Álvaro. *'Enquanto este novo trem atravessa o Litoral Central': Música popular urbana, latino-americanismo e conflitos sobre modernização em Mato Grosso do Sul*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2014. v. 1. 340p

NEDER, Álvaro. On the Razor's Edge: Brazilian Ethnomusicology, Participatory Research and Popular Audiovisual Education at Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brazil. In CORRÊA, Antenor Ferreira; WESTVALL, Maria (eds.). Dossier: "Music and Interculturality". *El oído pensante* 7 (1): 209-235. Disponível em: <http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/oidopensante>. Acesso em: 26 jun. 2022. 2019.

NEDER, Álvaro; BARROS, Daniel; CAETANO, Rodrigo. 2013. Música e sustentabilidade na Baixada Fluminense: uma pesquisa participativa. In Sandroni, Carlos and Alice Lumi Satomi (eds.), *Anais do VI ENABET - Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia*, pp. 54-62. João Pessoa: UFPB.

NEDER, Álvaro; BARROS, Daniel; CAETANO, Rodrigo; FRANÇA, Daniela; MATOS, Maria Claudia; FLORA, Maurício; SUED, Patrícia; KOPP, Rui Pereira. 2015. Música negra e corporalidade no neopentecostalismo: novas tendências e contradições. In: Domínguez, María Eugenia (ed.) *Anais do VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia (VII ENABET)*, pp. 178-193. Florianópolis.

NEDER, Álvaro; BARROS, Daniel; CAETANO, Rodrigo; FRANÇA, Daniela; MATOS, Maria Claudia; FLORA, Maurício; SUED, Patrícia; KOPP, Rui Pereira. 2016. Música, religião e produção social de espaço em uma cidade operária – o caso da igreja da pastora Ana Lúcia em Belford Roxo, Rio de Janeiro. *Per Musi* 34: 132-176.

NEDER, Álvaro; BARROS, Daniel; CAETANO, Rodrigo; FREITAS, Leonardo. 2014b. Mapeamento musical da Baixada Fluminense: uma pesquisa participativa. In: ALMADA, Rafael; PAULON, Alessandra; FERREIRA, Patrícia (eds.). *Caleidoscópio*. Assis/Rio de Janeiro: Triunfal/IFRJ, pp. 35-40.

NEDER, Álvaro; BARROS, Daniel; MATOS, Maria Claudia. 2014a. Música, religião e produção social de espaço em uma cidade operária – o caso da igreja da pastora Ana Lúcia em Belford Roxo, Rio de Janeiro. In Heloisa Valente et al (eds.), *Anais do XI Congresso da International Association for the Study of Popular Music, Rama Latinoamericana (IASPM-LA)*, pp. 312-317. Salvador.

NEDER, Álvaro; ROSA, Leandro Montovani da; FERREIRA, Pedro Luiz Fadel; VERAS, Gabriel; RAMOS, Tássio da Rosa; VIEIRA, Leonardo Marques. "Tocando para as paredes": o trabalho do músico e a pandemia no Rio de Janeiro. In: X ENABET - Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia, 2021, Porto Alegre (Remoto). *Anais...*, 2021.

QURESHI, Regula Burckhardt. Confronting the Social: Mode of Production and the Sublime in Hindustani Music. *Ethnomusicology*, Vol. 44, Ed. 1, 2000.

SEEGER, Anthony. Theories Forged in the Crucible of Action: The Joys, Dangers and Potentials of Advocacy in Fieldwork. In: BARZ, Gregory; COOLEY, Timothy. *Shadows in the Field*, 2ª edição. Oxford: Oxford University Press, pp. 271-288, 2008.